

PROBLEMATIZANDO O ITEM LEXICAL 'BEIJO': EXPLICATURAS E IMPLICATURAS EM QUESTÃO DA PROVINHA BRASIL

Fábio José Rauen*

Universidade do Sul de Santa Catarina
Tubarão, Santa Catarina, Brasil

Heloísa Pedrosa de Moraes Feltes**

Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo: *A Provinha Brasil é o instrumento do Ministério da Educação para avaliar o nível de alfabetização de estudantes brasileiros no 2º ano do Ensino Fundamental. Entre as habilidades medidas pelo teste, destaca-se a de “inferir informações a partir da leitura de textos”. Na segunda edição de 2009, aplicada no final do ano letivo, a vigésima questão deu conta deste descritor, utilizando-se de uma tira de Mauricio de Sousa. Rauen (2011), motivado pela dispersão nas respostas dadas à questão por dez alfabetizadoras na dissertação de Nazário (2010), analisou proposição e opções de resposta, concluindo que todas as alternativas eram plausíveis. Este artigo retoma aquele estudo, defendendo a tese de que o modo como ocorre o estreitamento do item lexical ‘beijo’ na compreensão da história em quadrinhos explica a dispersão das respostas e põe em xeque a alternativa considerada correta pelos propositores.*

Palavras-chave: *Pragmática Cognitiva. Teoria da Relevância. Provinha Brasil.*

1 INTRODUÇÃO

A *Provinha Brasil* visa diagnosticar o nível de alfabetização entre estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental. Em 2009, houve duas edições deste instrumento: no início do ano letivo para avaliar o processo de alfabetização e no final do ano letivo para identificar avanços e limitações. Entre os descritores do eixo de avaliação das habilidades de leitura observados pelo instrumento, destaca-se descritor D10 que se refere à habilidade de inferir informações de textos. Na segunda edição da *Provinha Brasil* daquele ano, a vigésima questão foi dedicada a esta habilidade, utilizando-se de uma história em quadrinhos de Mauricio de Sousa.

* Doutor em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: fabio.rauen@unisul.br.

** Doutora em Letras/Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente do curso de mestrado do Programas de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade e do curso de doutorado em Letras – Associação Ampla UCS-UniRitter. E-mail: helocogn@terra.com.br.

Nazário (2010), investigando competências e habilidades necessárias de alfabetizadoras para a análise crítica de questões da *Provinha Brasil*, selecionou onze questões desta edição da *Provinha* e, entre outras tarefas, solicitou a dez professoras que respondessem ao instrumento. Todas as questões foram respondidas corretamente, salvo aquela relativa à inferência. A dispersão nas respostas levou Rauem (2011) a analisar proposição e opções de interpretação da vigésima questão com base no aparato descritivo e explanatório da Teoria da Relevância.

Nesta questão, o documento orientador sugere que professor ou aplicador leia a instrução da questão, repetindo essa leitura duas vezes no máximo.

☞ Veja o texto silenciosamente e depois eu vou fazer uma pergunta.

Abaixo da instrução, há uma tira com dois quadrinhos de Mauricio de Sousa Produções Ltda. No primeiro quadrinho, Mônica faz uma proposta para Cebolinha e, no segundo quadrinho, Cebolinha reage à proposta de Mônica. Em ambos os quadrinhos, os textos estão grafados em letras maiúsculas.

Figura 1 – Tira de Mauricio de Sousa



Fonte: *Provinha Brasil*, 2009, 2ª edição.

A vigésima questão, como as demais questões do teste, possui quatro opções de respostas, todas grafadas com letras maiúsculas.

☞ Por que o Cebolinha ficou bravo com a Mônica?

- (A) PORQUE ELA DEU UM SUSTO NELE.
- (B) PORQUE ELA QUERIA BATER NELE.
- (C) PORQUE ELE NÃO GOSTAVA DE APANHAR DELA.
- (D) PORQUE ELE NÃO QUERIA BEIJAR A MÔNICA.

Segundo o autor, os achados de Nazário (2010) colocam em xeque a alternativa D como única resposta correta. Para considerar a alternativa D correta, a criança precisaria desenvolver uma cadeia complexa de inferências que a levassem a crer que Cebolinha

teria xingado Mônica, porque ele não queria beijá-la. Todavia, como Rauen destaca, outras possibilidades de inferência poderiam ter sido perseguidas: a) a proposta de Mônica poderia ter sido um ardid, de tal modo que ela teria proposto o beijo, apostando na rejeição da proposta e autorizando uma nova surra (alternativa B); b) Cebolinha poderia ter ficado bravo por ter sido vítima de uma armadilha, e o fato de ele preferir apanhar a ser beijado não elimina o fato de ele não gostar de apanhar, um mal menor (alternativa C); ou ainda c) mencionar a possibilidade do beijo pode ser assustador por si mesmo (alternativa A).

A conclusão naquele trabalho foi a de que, a rigor, todas as alternativas eram plausíveis de alguma forma, e a dispersão se explicaria por este motivo. Estes fatos poriam em evidência a dificuldade de se elaborarem testes com alternativas para questões inferenciais, pois as alternativas precisam ser ao mesmo tempo incorretas e, de algum modo, concorrerem como distratores da resposta correta.

Neste estudo, quer-se perseguir outra linha de reflexão que, mesmo não invalidando o estudo anterior, problematiza o item lexical ‘beijar’ na alternativa D. A proposta de Mônica foi a de ‘dar um beijo’ caso Cebolinha parasse de xingá-la, e Cebolinha não aceita a proposta. A alternativa D justifica a atitude de Cebolinha, porque “ele não queria beijar a Mônica”. Contudo, não parece ser este o motivo. Não se trata de ele não querer beijá-la, mas de ele não querer ser beijado por ela. Ou seja, para considerar esta resposta, é preciso pressupor a reciprocidade do beijo que, especialmente quando se considera a faixa etária das personagens, está longe de ser o caso. Se isso estiver correto, não apenas a dispersão ocorreu entre as docentes do trabalho de Nazário (2010) porque as demais alternativas eram plausíveis, mas, sobretudo, porque a alternativa D era incorreta.

Considerando este cenário, o presente artigo visa reanalisar a questão, adotando, além das ferramentas metodológicas de Rauen (2011), o conceito de estreitamento lexical. Para dar conta desta demanda, o texto foi dividido em quatro seções destinadas, respectivamente, a uma breve revisão sobre a teoria da relevância, a uma revisitação da análise de Rauen (2011), ao estudo do estreitamento do item lexical ‘beijo’ e às considerações finais.

2 BREVE REVISÃO SOBRE TEORIA DA RELEVÂNCIA

A Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986, 1995) fundamenta-se em dois princípios gerais: o *princípio cognitivo* de que a mente humana tende a maximizar a relevância e o *princípio comunicativo* de que enunciados geram expectativas precisas de relevância¹.

Relevância consiste numa propriedade dos *inputs* (enunciados, pensamentos, memórias, percepções sensoriais, etc.) direcionados aos processos cognitivos. Quando se processa um *input* num contexto de suposições cognitivas disponíveis, ele pode gerar

¹ Somente se apresentam neste artigo alguns dos conceitos essenciais. Para uma leitura mais extensa, vejam-se Sperber e Wilson (2001, 1995, 1986), Wilson (2005) ou Silveira e Feltes (2002).

algum efeito cognitivo de modificação ou de reorganização destas suposições. Nessa perspectiva, tanto pode fortalecer suposições existentes, quanto contradizê-las/enfraquecê-las; ou, então, derivar implicações contextuais (conclusões que decorrem da combinação do *input* com o contexto cognitivo, mas que não decorrem nem do *input* nem do contexto isoladamente). Um *input* é relevante quando efeitos cognitivos superam esforços de seu processamento. Portanto, em contextos iguais, será maior a relevância quanto maiores forem os efeitos cognitivos e quanto menor for o esforço de processamento.

Segundo o *princípio cognitivo de relevância*, os recursos cognitivos são direcionados para as informações que parecem mais relevantes ao indivíduo. Segundo o *princípio comunicativo de relevância*, um falante/escritor gera uma expectativa de relevância ótima pelo mero ato de dirigir-se a um ouvinte/leitor. Um enunciado diz-se otimamente relevante quando ele é suficientemente relevante para merecer ser processado e quando ele é o estímulo mais relevante que o falante/escritor se dispôs ou foi capaz de produzir.

Visto que o ouvinte/leitor pretende obter uma interpretação que satisfaça sua expectativa de relevância ótima, baseando-se na codificação linguística, ele enriquece esses *inputs* para obter um significado explícito e, eventualmente, seguindo uma rota de esforço mínimo, obter um significado implícito a partir deste significado explícito, terminando o processo quando a interpretação se conforma com sua expectativa de relevância.

Processo teórico da compreensão com base na relevância.

Siga um caminho de esforço mínimo na computação de efeitos cognitivos:

- a) considere hipóteses interpretativas (desambiguações, atribuições de referência, suposições contextuais, implicaturas, etc.) seguindo a ordem de acessibilidade;
- b) pare quando for alcançado o nível esperado de relevância. (WILSON, 2005, lição 4, p. 7, tradução dos autores).

Neste processo, a forma linguística do enunciado encaixa-se em uma forma lógica, em geral semanticamente incompleta ou não proposicional. Esta forma lógica é então enriquecida por inferências contextuais, a fim de se obter uma explicatura, considerada aqui como uma forma proposicional ou uma proposição verificável ou semanticamente completa. Em certos casos, esta forma proposicional é usada como uma premissa implicada a partir da qual se gera dedutivamente uma conclusão implicada ou implicatura. Neste caso, uma proposição que possivelmente seria a interpretação última pretendida pelo falante/escritor.

3 REVISITANDO A ANÁLISE

O processo de interpretação descrito na seção anterior é considerado integralmente na descrição que Rauen (2011) faz dos enunciados da vigésima questão. Na versão (a), o autor apresenta a forma linguística do enunciado; na versão (b),

apresenta a forma lógica subjacente; na versão (c), apresenta a explicatura; e, na versão (d), encaixa a explicatura numa descrição que considera a atitude proposicional.²

A proposição de Mônica no primeiro quadro da tira foi assim descrita.

(1a) Se você parar de me xingar... eu não bato mais em você e ainda lhe dou um beijo;

(1b) (parar de xingar x, y, z, α_{tempo}) $\rightarrow \neg$ (bater $x, y, \alpha_{instrumento}, \beta_{tempo}$) \wedge (dar $x, y, z, \alpha_{tempo}, \beta_{tempo}$);

(1c) Se você [CEBOLINHA] parar de me [MÔNICA] xingar \emptyset [DE GORDUCHA E BARRIGUDA] \emptyset [AGORA] \emptyset [ENTÃO] eu [MÔNICA] não bato mais em você [CEBOLINHA] \emptyset [COM O COELHINHO DE PELÚCIA SANSÃO] \emptyset [DEPOIS] e ainda \emptyset [MÔNICA] lhe [EM CEBOLINHA] dou um beijo \emptyset [DEPOIS];

(1d) *MÔNICA PROPÕE QUE SE CEBOLINHA PARAR DE XINGAR MÔNICA AGORA, ENTÃO MÔNICA NÃO BATERÁ MAIS EM CEBOLINHA COM O COELHINHO DE PELÚCIA SANSÃO DEPOIS E MÔNICA AINDA DARÁ UM BEIJO EM CEBOLINHA DEPOIS.*

A descrição de Rauen representa uma proposição condicional segundo a qual “se alguém_i [CEBOLINHA_i] parar de xingar alguém_j [MÔNICA_j] de alguma coisa₁ [DE GORDUCHA E BARRIGUDA₁] no tempo dessa enunciação_{t=0} [AGORA_{t=0}], então alguém_j [MÔNICA_j] não baterá mais [uma vez] em alguém_i [CEBOLINHA_i] com algo_m [COM O COELHINHO DE PELÚCIA SANSÃO_m] num tempo depois dessa enunciação_{t=1} [DEPOIS_{t=1}] e alguém_j [MÔNICA_j] dará algo_n [UM BEIJO_n] em alguém_i [CEBOLINHA_i] num tempo depois dessa enunciação_{t=1} [DEPOIS_{t=1}] ainda.”

O autor salienta que são exigidos da criança processos complexos cognitivos já na própria construção da explicatura deste enunciado, como, por exemplo:

a) A correferenciação dos pronomes ‘você_i’ e ‘lhe_i’ com a entrada enciclopédica CEBOLINHA_i, bem como pronomes ‘me_j’ e ‘eu_j’ com a entrada enciclopédica MÔNICA_j. Este processo exige que a criança correlacione falante/ouvinte com o par MÔNICA_j/CEBOLINHA_i com base nas imagens dos quadrinhos e nas convenções dos balões de fala.

b) A correlação temporal de causa/consequência implícita na proposta de Mônica. Do ponto de vista lógico, a fala de Mônica comporta três proposições na forma de um enunciado condicional. Como proposição antecedente, Mônica sugere que Cebolinha pare de xingá-la (P). Como proposições consequentes, ela sugere que não baterá mais em Cebolinha (\neg Q) e que dará ainda um beijo em Cebolinha (R). Em suma: se Cebolinha parar de xingar Mônica agora (num tempo que pelo menos coincide com aquele da enunciação), então será poupado de uma surra e ganhará um beijo depois (num tempo posterior ao da enunciação). Naturalmente, como afirma Rauen, sem essa inferência, a interpretação da questão é impossível.

² Vale destacar também que o autor indexa na forma lógica as circunstâncias das proposições eventualmente necessárias para a interpretação dos enunciados com letras gregas, embora elas não se constituam, *stricto sensu*, termos do argumento. Além disso, seguindo Silveira e Feltes (2002, p. 18), o autor apresenta as expressões linguísticas, quando referenciadas, entre aspas simples ‘beijo’; as entradas enciclopédicas em versalete ou caixa alta: BEIJO; e as referências no mundo, quando pertinentes, sem qualquer indicativo: beijo.

c) A correlação temporal envolvendo uma inferência por pressuposição na proposição antecedente. Mônica sugere que Cebolinha pare de xingá-la no tempo da enunciação. O pressuposto é que Cebolinha xingava Mônica antes do tempo dessa enunciação_(t=-1).

Concorre para o processo de interpretação o mecanismo ou módulo dedutivo sugerido por Sperber e Wilson (1986, 1995, 2001). Os autores sustentam que este mecanismo toma como *input* certo conjunto de suposições e deduz todas as conclusões possíveis desse conjunto. Este módulo age de modo não trivial (sensível à força das suposições) e não demonstrativo (passível de ser confirmado, mas não de ser provado). Nesse mecanismo, haveria apenas regras de eliminação do tipo *eliminação-e*, *modus ponens* e *modus tollens*³.

No processo mesmo de elaboração da explicatura da proposta de Mônica, o módulo dedutivo poderia gerar uma série de inferências, algumas mais ou menos factíveis:

S₁ – Mônica propõe que Cebolinha pare de xingar Mônica agora (premissa implicada obtida da explicatura do enunciado de Mônica);

S₂ – S₁ → S₃ (inferência por *modus ponens*);

S₃ – Cebolinha xingava Mônica antes (conclusão implicada).

S₁ – Mônica propõe não bater mais em Cebolinha (premissa implicada obtida da explicatura do enunciado de Mônica);

S₂ – S₁ → S₃ (inferência por *modus ponens*);

S₃ – Mônica batia antes em Cebolinha (conclusão implicada).

S₁ – Cebolinha sempre xinga Mônica de gorducha e barriguda (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);

S₂ – S₁ → S₃ (inferência por *modus ponens*);

S₃ – Mônica provavelmente pediu a Cebolinha que ele parasse de xingá-la de gorducha e barriguda (conclusão implicada).

S₁ – Mônica sempre bate em Cebolinha com seu coelhinho de pelúcia Sansão (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);

S₂ – Mônica está escondendo o coelhinho de pelúcia Sansão nas costas (premissa implicada obtida do *input* visual);

S₃ – S₁ ∧ S₂ → S₄ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);

S₄ – Mônica propõe não bater em Cebolinha com o coelhinho de pelúcia Sansão (conclusão implicada).

³ Na regra de *eliminação-e*, sendo consideradas em conjunto verdadeiras duas suposições *P* e *Q*, cada uma delas é verdadeira separadamente, *P* ou *Q*. Formalmente: “*P* ∧ *Q*, *P*” ou “*P* ∧ *Q*, *Q*” (o símbolo ∧ equivale à operação lógica de adição). Na regra de *modus ponens*, se há uma relação de implicação entre duas suposições *P* e *Q*, quando a primeira é afirmada *P*, segue-se necessariamente a segunda *Q*. Formalmente: “*P* → *Q*, *P*, *Q*” (o símbolo → equivale à operação lógica de implicação, se *P* então *Q*). Por vezes, é possível combinar as duas regras como é o caso da regra de *modus ponens conjuntivo*: “(*P* ∧ *Q*) → *R*, *P* → *R*, *R*” ou então “(*P* ∧ *Q*) → *R*, *Q* → *R*, *R*”. Na regra de *modus tollens*, inicia-se por um conjunto de duas alternativas *P* ou *Q*. Em seguida, obtém-se a negação de uma delas, ¬*Q* ou ¬*P*. Nesse caso, conclui-se por *P* ou *Q*. Formalmente: “*P* ∨ *Q*, ¬*Q*, *P*” ou “*P* ∨ *Q*, ¬*P*, *Q*” (o símbolo ∨ equivale à operação lógica de disjunção e o símbolo ¬ equivale à operação lógica de negação). Mais uma vez, pode-se pensar numa regra combinada, o *modus ponens disjuntivo*: “(*P* ∨ *Q*) → *R*, ¬*Q*, *P* → *R*, *R*” ou “(*P* ∨ *Q*) → *R*, ¬*P*, *Q* → *R*, *R*”.

Independente de essas inferências terem sido feitas ou não, uma é essencial, a de que o enunciado de Mônica é uma proposta de um acordo, ou seja, é preciso integrar a explicatura em um ato de fala. Conforme Sperber e Wilson (1995, p. 231; 2001, p. 342), em enunciados imperativos, há uma relação descritiva entre o pensamento do falante/escritor e um estado de coisas desejável, tanto do ponto de vista do falante/escritor (uma ordem, por exemplo), como do ponto de vista do ouvinte/leitor (um conselho, por exemplo). Rauen, então, destaca que Mônica está propondo um acordo com Cebolinha. Mas para quem esse acordo é desejável? Segundo o autor a detecção desta sutileza pela criança decorre de uma inferência com base em duas pistas imagéticas do primeiro quadrinho: o sorriso de Mônica e o olhar triste de Cebolinha, levando a inferir que o acordo é benéfico para Mônica, mas não para Cebolinha.

- S₁ – Mônica propõe que Cebolinha pare de xingar Mônica agora (premissa implicada obtida da explicatura do enunciado de Mônica);
- S₂ – Mônica está sorrindo (premissa implicada obtida do estímulo visual);
- S₃ – S₁∧S₂→S₄ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);
- S₄ – A proposta de Mônica provavelmente é boa para Mônica (conclusão implicada).
- S₅ – Cebolinha não está alegre (premissa implicada obtida do estímulo visual);
- S₆ – S₁∧S₅→S₇ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);
- S₇ – A proposta de Mônica provavelmente é ruim para Cebolinha (conclusão implicada).

Rauen complementa: “Em síntese, nessa possibilidade de interpretação da fala de Mônica, pode-se dizer que ela propôs ser desejável, provavelmente de seu ponto de vista, que se Cebolinha parar de xingá-la, então ela não lhe bateria mais e ainda lhe daria um beijo” (2011, p. 230).

Para o segundo quadro da tira, haveria:

- (2a) Sua Golducha e Baliguda;
- [...]
- (2d) *CEBOLINHA XINGA MÔNICA DE SUA GORDUCHA E BARRIGUDA.*

Esse enunciado permite confirmar que a proposta de Mônica é ruim para Cebolinha.

- S₁ – Cebolinha xinga Mônica de gorducha e barriguda (premissa implicada obtida do *input* linguístico);
- S₂ – S₁→S₃ (inferência por *modus ponens*);
- S₃ – A proposta de Mônica era ruim para Cebolinha (conclusão implicada confirmada).

Considerando o argumento da proposta de Mônica:

- P→(¬Q∧R) – Se Cebolinha parar de xingar Mônica, então Mônica não baterá mais em Cebolinha e dará um beijo em Cebolinha;
- P – Cebolinha para de xingar Mônica;
- (¬Q∧R) – Mônica não baterá mais em Cebolinha e dará um beijo em Cebolinha,

a reação de Cebolinha de voltar a xingá-la ($\neg P$) sugere que ele prefere que ela volte a bater nele (Q) e não o beije ($\neg R$), e a criança, por sua vez, está autorizada a inferir que Mônica cumprirá estas promessas.

$P \rightarrow (\neg Q \wedge R)$ – Se Cebolinha parar de xingar Mônica, então Mônica não baterá mais em Cebolinha e dará um beijo em Cebolinha;

$\neg P$ – Cebolinha não para de xingar Mônica;

$(Q \wedge \neg R)$ – Mônica baterá mais em Cebolinha e não dará um beijo em Cebolinha.

Com base nos dados linguísticos, obtêm-se:

S_1 – Mônica propõe que se Cebolinha parar de xingar Mônica agora, então Mônica não baterá mais em Cebolinha depois e dará um beijo em Cebolinha depois (premissa implicada obtida da explicatura do enunciado de Mônica);

S_2 – Cebolinha xinga Mônica de gorducha e barriguda (premissa implicada obtida da explicatura do enunciado de Cebolinha);

S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);

S_4 – Cebolinha prefere apanhar de Mônica a ser beijado por Mônica (conclusão implicada).

Segue-se a proposição da vigésima questão:

(3a) Por que o Cebolinha ficou bravo com a Mônica?

(3b) (ficar x, y, QU_{motivo}).

(3c) por que o Cebolinha ficou bravo com a mônica?

(3d) O APLICADOR DESEJA SABER POR QUE CEBOLINHA FICOU BRAVO COM A MÔNICA?

As respostas enumeram razões pelas quais o Cebolinha ficou bravo com a proposta da Mônica, sugerindo que o avaliador está interessado não somente na interpretação dos *inputs* linguísticos, mas na interpretação da imagem. Repare-se que a questão, em si mesma, aciona necessariamente a seguinte inferência:

S_1 – Cebolinha xingou Mônica de gorducha e barriguda (premissa implicada obtida do *input* linguístico);

S_2 – $S_1 \rightarrow S_3$ (inferência por *modus ponens*);

S_3 – Cebolinha ficou bravo com Mônica (conclusão implicada).

Segundo Sperber e Wilson (2001 [1986], p. 370), perguntas são interpretações de pensamentos desejáveis, ou seja, são interpretações de respostas que o falante/escritor consideraria como relevantes caso fossem verdadeiras. A hipótese em jogo é a de que o ouvinte/leitor de um enunciado interrogativo recupera sua forma lógica e a integra numa descrição com a forma “O falante/escritor pergunta $QU-P$ ”, em que $QU-P$ é uma pergunta indireta. As alternativas de respostas são, deste modo, complementações de enunciados declarativos que satisfariam a relevância, caso verdadeiros. No caso de perguntas de exame, a resposta será relevante não tanto em função de seu conteúdo, mas como evidência indireta que ela fornece em relação ao domínio que a criança demonstra de suas capacidades inferenciais.

Vejam-se as respostas, encaixando-as nas respectivas proposições.

O Cebolinha ficou bravo com a Mônica...

(4a) (A) porque a Mônica deu um susto no Cebolinha;

(4b) (B) porque a Mônica queria bater no Cebolinha;

(4c) (C) porque o Cebolinha não gostava de apanhar da Mônica;

(4d) (D) porque o Cebolinha não queria beijar a Mônica.

Conforme Rauen, a condução da análise dos quadrinhos tal como desenvolvida até este ponto sugere que a alternativa D “*porque ele não queria beijar a Mônica*” está correta, e é esta a resposta correta segundo o gabarito de correção da segunda edição de 2009 da *Provinha Brasil*. Para se chegar à resposta, diz o autor (2011, p. 233): “basta mais uma inferência: aquela que, partindo das preferências de Cebolinha de apanhar a ser beijado, leva à conclusão de que ele não queria ser beijado”, realizando a seguinte formalização:

S_1 – Cebolinha prefere apanhar de Mônica a ser beijado por Mônica (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);

S_2 – $S_1 \rightarrow S_3$ (inferência por *modus ponens*);

S_3 – Cebolinha não quer ser beijado por Mônica (conclusão implicada).

Para tirar a prova, segundo ele, basta reverter a inferência:

S_1 – Mônica propõe que se Cebolinha parar de xingar Mônica agora, então Mônica não baterá mais em Cebolinha depois e dará um beijo em Cebolinha depois (premissa implicada obtida da explicatura do enunciado de Mônica);

S_2 – Cebolinha não quer ser beijado por Mônica (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);

S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);

S_4 – Cebolinha xinga Mônica (conclusão implicada).

Neste ponto em diante, Rauen avalia se as demais alternativas são plausíveis. Seu texto inicia-se pela alternativa C “*porque ele não gostava de apanhar dela*”. Em tese, esta opção seria incorreta porque ele havia voltado a xingá-la, sugerindo que ele preferiria apanhar de Mônica a beijá-la. Rauen argumenta, contudo, que se trata da opção por um mal menor. O desejo das personagens se impõe aqui. Ele, supostamente, preferiria continuar a xingá-la, livrar-se de surras e não ser beijado por ela. A proposta o coloca na contingência de escolher uma de duas alternativas ruins. Ao aceitar a proposta, livra-se da surra, mas tem de parar de xingá-la e ser beijado por ela. Ao rejeitá-la, ele pode continuar a xingá-la, livra-se do beijo, mas terá de apanhar novamente. Em suma, trata-se de um bom motivo para ficar bravo, pois ele não gostaria de apanhar novamente da Mônica.

A alternativa B “*porque ela queria bater nele*” é uma inferência factível, embora mais complexa. A alternativa não capta a inferência primeira de que o xingamento evita

o beijo, mas uma inferência mais sofisticada de que Mônica propõe o beijo antecipando a reação de Cebolinha. Ela propõe justamente o que Cebolinha rejeita para conseguir o que quer: bater nele.

Para chegar-se à alternativa D é preciso aceitar a sinceridade de Mônica:

S_1 – Mônica não quer ser xingada por Cebolinha;

S_2 – Mônica não quer bater em Cebolinha;

S_3 – Mônica quer beijar Cebolinha.

Conhecendo o histórico das personagens, é difícil acreditar que Mônica não queira bater mais em Cebolinha. Isso autorizaria a seguinte cadeia de inferências:

S_1 – Mônica quer bater em Cebolinha (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);

S_2 – Cebolinha precisa xingar Mônica para Mônica bater em Cebolinha (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);

S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);

S_4 – Mônica precisa fazer Cebolinha xingar Mônica (conclusão/premissa implicada);

S_5 – Cebolinha não quer ser beijado por Mônica (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);

S_6 – $S_4 \wedge S_5 \rightarrow S_7$ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);

S_7 – Mônica propõe parar de bater e beijar Cebolinha caso ele não a xingue mais (premissa implicada obtida da explicatura do enunciado de Mônica);

S_8 – Cebolinha preferirá xingar Mônica a ser beijado por Mônica (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);

S_9 – $S_7 \wedge S_8 \rightarrow S_{10}$ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);

S_{10} – Cebolinha xingará Mônica (conclusão/premissa implicada);

S_{11} – $S_{10} \rightarrow S_{12}$ (inferência por *modus ponens*);

S_{12} – Mônica baterá em Cebolinha (conclusão implicada).

Contra esta interpretação, há a feição de Mônica aparentemente triste ou desapontada no segundo quadrinho. A favor desta interpretação, há a motivação de o coelhinho de pelúcia Sansão estar nas costas de Mônica nos dois quadrinhos. Uma hipótese seria a de reforçar o caráter ardiloso da proposta.

S_1 – Mônica sempre bate em Cebolinha com o coelhinho de pelúcia Sansão (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);

S_2 – Mônica está escondendo o coelhinho de pelúcia Sansão nas costas (premissa implicada obtida do *input* visual);

S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);

S_4 – Mônica pode bater em Cebolinha com o coelhinho de pelúcia Sansão (conclusão/premissa implicada);

S_5 – $S_4 \rightarrow S_6$ (inferência por *modus ponens*);

S_6 – Mônica está enganando Cebolinha com a proposta (conclusão/premissa implicada);

S_7 – $S_6 \rightarrow S_8$ (inferência por *modus ponens*);

S_8 – Mônica quer bater em Cebolinha com o coelhinho de pelúcia Sansão (conclusão implicada).

Em princípio, a alternativa A “porque ela deu um susto nele” é esdrúxula. Todavia, basta retomar a suposição factual de que Cebolinha não quer ser beijado por Mônica, necessária para justificar sua opção por xingá-la, aliás, para inferir que a proposta de Mônica pode ser interpretada como um susto. Veja-se

- S_1 – Mônica propõe beijar Cebolinha caso ele pare de xingá-la (premissa implicada da explicatura do enunciado de Mônica);
- S_2 – Cebolinha tem medo de ser beijado por Mônica (premissa implicada obtida da memória enciclopédica/suposição factual);
- $S_3 - S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);
- S_4 – Mônica deu um susto em Cebolinha (conclusão/premissa implicada);
- $S_5 - S_2 \wedge S_4 \rightarrow S_6$ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);
- S_6 – Cebolinha ficou bravo porque Mônica deu um susto em Cebolinha (conclusão implicada).

Em resumo, o estudo de Rauen (2011) leva a concluir que todas as alternativas são plausíveis e esta seria a razão que justificaria a dispersão nas respostas das alfabetizadoras de Nazário (2010). Na seção seguinte, contudo, questiona-se a correção da alternativa D, tomada como tácita naquele trabalho.

4 ESTREITANDO O ITEM LEXICAL ‘BEIJO’

Esta seção faz uma releitura da análise depreendida por Rauen (2011), lançando a hipótese de que a atribuição de referência para o item lexical ‘beijo’ na explicatura da proposta de Mônica pode levar a pelo menos duas interpretações. Conforme a adoção de uma ou outra destas interpretações, é possível explicar por que a alternativa D não é hegemônica.

Segundo Wilson (2005, lição 9), a literatura semântica e psicológica assume em geral que seres humanos têm um estoque finito de conceitos, sendo cada um destes conceitos o significado codificado de alguma palavra. Logo, para comunicar um conceito é preciso codificá-lo. A autora argumenta, todavia, que é possível explorar uma modelação inferencial também em nível lexical. Em geral, todavia, a maior parte dos modelos inferenciais assume alguma versão de veracidade literal, segundo a qual o falante/escritor não deve dizer (no sentido de Grice) o que se acredita ser falso, criando problemas descritivos e explanatórios no tratamento de fenômenos como aproximação, metáfora ou hipérbole. A Teoria da Relevância sustenta que ouvintes/leitores não esperam verdades estritas e literais dos falantes/escritores, mas informações otimamente relevantes. Posto isto, o conceito codificado é meramente uma pista para o significado do falante. Conseqüentemente, “não há nenhuma razão particular para assumir que cada ser humano tem um estoque fixo de conceitos, cada qual sendo o significado codificado de alguma palavra”. Isto permite assumir e explorar a concepção de uma mente mais flexível e criativa. Em outras palavras, uma mente que, a cada momento, constrói e faz uso de conceitos novos, supostamente modelos *ad hoc* gerados com base em conceitos existentes. Por hipótese, o processo de compreensão de enunciados é o lócus privilegiado do exercício desta capacidade.

Entre os processos relevantes de construção de conceitos *ad hoc*, há os processos de estreitamento e de alargamento lexicais.⁴ Tomem-se os exemplos (5a-5c) a seguir:

- (5a) Madre Paulina é uma santa.
- (5b) Maria é uma santa.
- (5c) Pedro comprou uma santa.

No alargamento, a compreensão de um item lexical deriva da construção de um conceito mais amplo do que aquele em geral acordado e/ou assumido como “literal”. Em (5a), supostamente, o item lexical ‘santa’ é mapeado pelo conceito SANTA no sentido de “mulher que a Igreja canonizou”. Em (5b), o conceito “literal” não pode ser assumido, mas um conceito *ad hoc* SANTA* no sentido de, por exemplo, “mulher que se distingue pela extrema bondade e pela prática habitual das mais altas virtudes”.⁵

No estreitamento, a compreensão de um item lexical deriva da construção de um conceito mais estreito do que o conceito em geral acordado e/ou assumido como “literal”. Em (5c), não se espera que o sentido de ‘santa’ seja o de “mulher canonizada”, mas um conceito *ad hoc* SANTA** no sentido de uma “imagem de mulher que foi canonizada”.

Quando conceitos *ad hoc* vão sendo objeto de consenso, tendem a ser dicionarizados e tomados como acepções de um mesmo item lexical, como é o caso dos exemplos (5a-5c), cujos significados foram extraídos do verbete ‘santa’ do dicionário Michaelis on-line (MICHAELIS, 2013). Todavia, há situações muito mais sutis ou até mesmo criativas. Vejam-se os casos (6a-6c), por exemplo:

- (6a) Pedro comprou um estetoscópio.
- (6b) Pedro é um estetoscópio.
- (6c) Pedro (para Paulo): Você viu o estetoscópio?

Nesses casos, o item lexical ‘estetoscópio’ codifica tanto um significado ESTETOSCÓPIO básico de “instrumento para auscultação do corpo” em (6a), como um significado alargado ESTETOSCÓPIO*, por exemplo, o de “alguém muito atento”, ou um significado mais estreito e particular ESTETOSCÓPIO** de “o estetoscópio de Pedro”.

Conhecidos estes processos, retomemos a proposta de Mônica no primeiro quadrinho. Como se disse, trata-se de um enunciado condicional com uma proposição causal P “Se você parar de me xingar”, e duas proposições consequentes Q e R: “eu não bato mais em você” e “ainda lhe dou um beijo. Para efeitos de simplificação, destaque-se a segunda proposição consequente, assim descrita por Rauen (2011):

- (7a) [...] ainda lhe dou um beijo;
- (7b) \wedge (dar x, y, z, α_{tempo} , β_{tempo});
- (7c) ainda \emptyset [MÔNICA] lhe [EM CEBOLINHA] dou um beijo \emptyset [DEPOIS];
- (7d) MÔNICA AINDA DARÁ UM BEIJO EM CEBOLINHA DEPOIS.

⁴ Para uma análise de conceitos *ad hoc* para EMOÇÕES, ver Vanin e Feltes (2012).

⁵ Usa-se asterisco para marcar conceitos *ad hoc*.

A hipótese a ser perseguida aqui é a de que toda a interpretação do enunciado de Mônica depende do conceito a ser atribuído ao item lexical ‘beijo’. O dicionário Aurélio, por exemplo, traz a seguinte definição: “ato de tocar com os lábios em alguém ou algo, fazendo leve sucção” (FERREIRA, 2008, p. 108). Assim, é possível supor que a sequência lexical em (7a) ‘lhe dou um beijo’ possa assumir o conceito BEIJO em (7d) significando “toque com os lábios com leve sucção”, tal como expresso em (7e).

(7e) MÔNICA AINDA DARÁ UM TOQUE COM OS LÁBIOS COM LEVE SUCÇÃO EM CEBOLINHA DEPOIS.

A explicatura em (7e) parece inverossímil para satisfazer a expectativa de relevância de Cebolinha ou do leitor, quando interpreta a proposta de Mônica. O que se impõe aqui é a que tipo de beijo Mônica se refere? Há diferentes formas de afeto envolvidas e essas diferenças implicam diferentes formas de beijo. É neste momento que funciona todo o mecanismo de compreensão guiado pela relevância, ou seja, mapeando suposições estocadas na memória em ordem de acessibilidade mediante uma rota de esforço mínimo. Admitindo-se por hipótese, que adultos e crianças conheçam o universo ficcional das histórias em quadrinhos de Mauricio de Souza e/ou que conheçam a idade das personagens, não é implausível emergirem ou serem mais acessíveis suposições como:

S₁ – Mônica e Cebolinha são crianças em torno dos 7 anos.

S₂ – Crianças em torno dos 7 anos não namoram como adolescentes.

S₃ – Beijos entre crianças não têm o mesmo significado atribuído por adolescentes.

Assumindo essas ampliações de contexto, por hipótese, o item lexical ‘beijo’ tende a ser estreitado para um conceito BEIJO*, significando algo mais próximo de “um ato unidirecional, assimétrico ou transitivo de tocar com os lábios fazendo leve sucção que, em geral, é direcionado ao rosto da outra pessoa, mas não necessariamente”. Para simplificar a descrição, usa-se a expressão BEIJO NO ROSTO em (7f) para representar esse conceito *ad hoc* BEIJO*:

(7f) MÔNICA AINDA DARÁ UM BEIJO NO ROSTO EM CEBOLINHA DEPOIS.

Em resumo, considerando-se o conceito BEIJO*, o leitor assume que Mônica comunicou que Mônica pretende beijar Cebolinha caso ele pare de xingá-la, e que as características deste beijo são tais que isso não implica que Cebolinha beije Mônica.

(8a) BEIJO* – MÔNICA BEIJA* CEBOLINHA \wedge CEBOLINHA NÃO BEIJA* MÔNICA.

Destaque-se que não se defende aqui que ‘dar um beijo’ literalmente signifique BEIJO*. Trata-se de dizer que uma palavra que codifica um conceito pode ser usada para expressar um conceito mais restrito, e o que aciona esse estreitamento é a procura pela relevância.

Por que esse estreitamento leva a BEIJO* e não a outro? O leitor é levado a esse estreitamento porque ele se ajusta às suas expectativas sobre o comportamento infantil e sobre as obras de Mauricio de Souza. Uma vez ajustado, esse estreitamento satisfaz suas expectativas de relevância ótima e, sendo esta a primeira interpretação consistente, será esta a interpretação adotada. Ou seja, o leitor mutuamente ajusta contexto, conteúdo e efeitos cognitivos de modo a satisfazer as suas expectativas de relevância, o que o leva a estreitar o conceito do item lexical ‘beijo’. Uma vez feito isso, ele interrompe o processo de compreensão e adota tacitamente este conceito *ad hoc*.

Tal é a riqueza deste estreitamento que o leitor pode antever a reação de Cebolinha mesmo antes de considerar o segundo quadrinho. Cebolinha rejeitará a resposta de Mônica como de fato o faz, chamando-a de “gorducha” e de “barriguda”.

Neste ponto vale perguntar por que Cebolinha prefere voltar a xingá-la ou, como faz o instrumento: “Por que o Cebolinha ficou bravo com a Mônica?” A resposta de todos aqueles que adotaram o conceito BEIJO* é óbvia: “Porque Cebolinha não queria ser beijado pela Mônica”. Essa resposta pode ser obtida pela seguinte cadeia de inferências:

S₁ – Mônica propõe que se Cebolinha parar de xingar Mônica agora, então Mônica não baterá mais em Cebolinha depois e dará um beijo em Cebolinha depois (premissa implicada obtida da explicatura do enunciado de Mônica);

S₂ – Beijo em ‘dar um beijo’ significa Mônica beijar Cebolinha em t₁ e Cebolinha não beijar Mônica em t₁ (premissa implicada obtida do estreitamento do item lexical ‘beijo’);

S₃ – Cebolinha voltou a xingar Mônica (premissa implicada do processamento do segundo quadrinho)

S₄ – S₁-S₃→S₅ (inferência por *modus ponens conjuntivo*);

S₅ – Cebolinha não quer ser beijado pela Mônica (conclusão implicada).

Segue-se a consideração das alternativas e, entre elas, a alternativa D:

(4d) (D) Porque o Cebolinha não queria beijar a Mônica.

Segundo a Teoria da Relevância, entre duas alternativas contraditórias, o indivíduo tende a adotar a alternativa mais forte e descartar a alternativa mais fraca. Um intérprete que adotou o conceito BEIJO* tem como certo que o beijo não é recíproco. Logo, Cebolinha querer ou não dar um beijo em Mônica é irrelevante. Isso explicaria por si mesmo o fato de as professoras buscarem a solução da questão nas demais alternativas.

Todavia, pode ser o caso de o conceito BEIJO* não ter sido fortemente assumido. Assim, a leitura da alternativa D pode levar a um segundo estreitamento, BEIJO**. Nessa circunstância, o item lexical ‘beijo’ significa algo mais próximo de “um ato bidirecional, simétrico ou reflexivo de tocar com os lábios fazendo leve sucção que é direcionado à boca da outra pessoa”. Para simplificar a descrição, usa-se a expressão BEIJO NA BOCA em (7g) para representar esse conceito *ad hoc* BEIJO**.

(7g) MÔNICA AINDA DARÁ UM BEIJO NA BOCA EM CEBOLINHA DEPOIS.

Em resumo, considerando-se o conceito BEIJO**, o leitor assume que Mônica comunicou que Mônica pretende beijar Cebolinha caso ele pare de xingá-la, e que as características desse beijo são tais que ‘dar um beijo’ implica que o beijo é recíproco.

(8b) BEIJO** – MÔNICA BEIJA** CEBOLINHA \wedge CEBOLINHA BEIJA** MÔNICA.

A alternativa (D), portanto, só é aceitável se o beijo for recíproco e, provavelmente, na boca de ambos, levando a uma implicatura na qual Cebolinha simultaneamente beija Mônica ao ser por ela beijado. Todavia, esta alternativa entra em direto conflito com o universo ficcional do autor e com o conhecimento enciclopédico que as pessoas têm da infância.

Por fim, também pode ser o caso de o conceito BEIJO* não ter sido considerado, sendo BEIJO** o primeiro estreitamento relevante. Nesse caso, não havendo conflito, a primeira interpretação consistente coincide com a resposta (D). Quem seguiu por este caminho, pode estar cego para BEIJO*, a ponto de lhe ser indiferente dizer (S₃-S₆) a seguir:

S₁ – Beijo em ‘dar um beijo’ significa Mônica beijar Cebolinha em t₁ e Cebolinha beijar Mônica em t₁ (premissa implicada obtida do estreitamento do item lexical ‘beijo’ em BEIJO**).

S₂ – S₁ → S₃ ∨ S₄ ∨ S₅ ∨ S₆ (inferência por *modus ponens*);

S₃ – Mônica beijar Cebolinha em t₁ (conclusão implicada).

S₄ – Cebolinha ser beijado por Mônica em t₁ (conclusão implicada).

S₅ – Cebolinha beijar Mônica em t₁ (conclusão implicada).

S₆ – Mônica ser beijado por Cebolinha em t₁ (conclusão implicada).

Quando se adota BEIJO*, importa dizer quem beija ou é beijado. Somente Mônica pretende beijar Cebolinha (S₃) e somente Cebolinha corre o risco de ser beijado por Mônica (S₄). Logo, a alternativa D (negação de S₅) está incorreta.

Quando se adota BEIJO**, tanto faz quem beijou ou foi beijado e isso pode explicar o equívoco da questão e por que Rauen (2011), mesmo reconhecendo corretamente que Cebolinha não queria ser beijado por Mônica (negação de S₄), não percebeu que a alternativa D (negação de S₅) entra em conflito com a interpretação BEIJO*.

A solução da questão é simples. Bastaria adotar a negação de (S₃) ou a negação de (S₄), dado que elas estariam corretas em ambos os contextos de estreitamento lexical. Veja-se:

Cebolinha ficou bravo com a Mônica

(9a) porque o Cebolinha não queria que Mônica o beijassem.

(9b) porque o Cebolinha não queria ser beijado pela Mônica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados da dissertação de Nazário (2010) revelaram uma dispersão nas respostas de dez alfabetizadoras para a vigésima questão da segunda edição de 2009 da *Provinha Brasil*. Rauén (2011) considerou que este desempenho colocava em xeque a alternativa D como única resposta correta, apontando para a plausibilidade das demais alternativas, pondo em evidência a dificuldade de elaboração de alternativas em questões que testam inferências.

Este estudo retoma aquele trabalho, questionando se a dispersão poderia não ter sido causada pela força das alternativas rivais, mas pela inadequação da alternativa correta. Para fundamentar esta hipótese, usou-se o conceito de estreitamento lexical para testar duas possíveis interpretações do item lexical ‘beijo’ na sequência ‘dar um beijo’ da proposta de Mônica no primeiro quadrinho da questão. Na primeira interpretação, o item lexical ‘beijo’ aciona o conceito *ad hoc* BEIJO*, segundo o qual Mônica propõe um beijo unidirecional em Cebolinha. Na segunda interpretação, o item lexical ‘beijo’ aciona o conceito *ad hoc* BEIJO**, em que o beijo é recíproco.

O problema se instala quando a alternativa D assevera que Cebolinha teria rejeitado a proposta porque “ele não queria beijar a Mônica”. Essa opção está incorreta no contexto de BEIJO*, mais plausível em função de serem crianças as personagens de Mauricio de Souza, porque nesse caso importa dizer *quem beija* ou *é beijado*. Somente Mônica pretende beijar Cebolinha e somente Cebolinha corre o risco de ser beijado por Mônica. Por outro lado, esta alternativa está correta no contexto de BEIJO**, uma vez que neste caso tanto faz quem beijou ou foi beijado.

Se isso estiver correto, a emergência da plausibilidade dos distratores pode ter muito mais a ver com a inadequação da alternativa D no contexto da interpretação do item lexical ‘beijo’ do que suas pertinências intrínsecas (aqui mantidas intactas). Possivelmente, as alternativas “Cebolinha ficou bravo com Mônica porque ele não queria ser beijado pela Mônica” ou “porque ele não queria que Mônica o beijasse”, evitaria a dispersão nas respostas, visto que essas respostas estariam corretas em ambos os contextos de estreitamento lexical.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, A. B. de H. *Aurélio*: o dicionário da Língua Portuguesa. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.
- MICHAELIS: Moderno dicionário da Língua Portuguesa on-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 29 mar. 2013.
- NAZÁRIO, F. G. *Competências para a análise crítica de questões da Provinha Brasil*: estudo de caso com docentes alfabetizadores de um município catarinense. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem)-Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.
- RAUEN, F. J. Avaliação da habilidade de inferência em leitura: estudo de caso com uma questão da Provinha Brasil. *Linguagem em (Dis)curso* - LemD, Tubarão, v. 11, n. 2, p. 217-240, 2011.
- SILVEIRA, J. R. C. da; FELTES, H. P. de M. *Pragmática e cognição*: a textualidade pela relevância e outros ensaios. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevância: comunicação e cognição*. Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian, 2001.

_____; _____. *Relevance: communication & cognition*. 2nd. ed. Oxford: Blackwell, 1995. [1st. ed. 1986].

VANIN, A. A.; FELTES, H. P. de M. A construção de uma interface metateórica para a emergência inferencial de conceitos: o caso dos conceitos de emoção. In: GOMES, L.; FELTES, H. P. de M. (Orgs.). *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração de sentido*. Caxias do Sul: Edues, 2012. p. 109-149.

WILSON, D. *Pragmatic theory*. London: UCL Linguistics Dept, 2004. Disponível em: <<http://www.phon.ucl.ac.uk/home/nick/pragtheory/>>. Acesso em: 15 mar. 2005.

Recebido em: 01/04/13. Aprovado em: 10/03/14.

Title: *Problematizing the lexical item 'beijo' (kiss): explicatures and implicatures in a question of the Provinha Brasil*

Authors: *Fábio José Rauen; Heloísa Pedroso de Moraes Feltes*

Abstract: *Provinha Brasil is an instrument for the Ministério da Educação to assess the level of literacy of second grade Brazilian students in the Ensino Fundamental. Among the descriptors measured by the test, we select "inferring information from reading texts". In its second edition, which was applied in 2009 at the end of the school year, the twentieth question concerning such a skill was based on a comic strip by Mauricio de Sousa. Rauen (2011), curious about the dispersion of the answers to that question as given by ten literacy teachers, as they appear in the thesis by Nazário (2010), analyzed proposition and answer options, coming to conclude that all alternative were plausible. The present paper resumes Rauen's study, while advancing the thesis that the way the narrowing of the lexical item 'beijo' (kiss) occurs in the understanding of that comic strip explains the dispersion of the answers and calls into question the alternative that was considered correct by the evaluation.*

Keywords: *Cognitive Pragmatics. Relevance Theory. Provinha Brasil.*

Título: *Problematizando el ítem lexical 'beijo' (beso): explicaciones e implicaciones en una cuestión de la Provinha Brasil*

Autores: *Fábio José Rauen; Heloísa Pedroso de Moraes Feltes.*

Resumen: *La Provinha Brasil es un instrumento del Ministerio de la Educación para evaluar el nivel de alfabetismo de estudiantes brasileños del 2º año de la Educación Básica. Entre las habilidades medidas por la prueba, se resalta la de inferir informaciones a partir de la lectura de textos. En la segunda edición en 2009, aplicada al final del año escolar, la cuestión veinte dio cuenta de este descriptor por medio de una tira de Mauricio de Sousa. Rauen (2011), motivado por la dispersión en las respuestas dadas para la cuestión por diez alfabetizadoras en la disertación de Nazário (2010), analizó proposición y opciones de respuesta, concluyendo que todas las alternativas eran plausibles. Ese artículo retoma aquel estudio, defendiendo la tesis de que el modo como ocurre el estrechamiento del ítem lexical 'beso' en la comprensión de la historieta explica la dispersión de las respuestas y pone en jeque la alternativa considerada correcta por los proponentes.*

Palabras-clave: *Pragmática Cognitiva. Teoría de la Relevancia. Provinha Brasil.*